

ENTRE A TRADIÇÃO E A SALA DE AULA: o Congado Montes-clarense e a história local nos livros didáticos

BETWEEN TRADITION AND THE CLASSROOM: Congado Montes-clarense and local history in textbooks

ARTIGO

Renato Cândido Brandão¹

Universidade de Uberaba – UNIUBE

E-mail: renato.brandao@educacao.mg.gov.br

Wenceslau Gonçalves Neto

Universidade Federal de Uberlândia –UFU

E-mail: wenceslau@ufu.br

RESUMO:

O presente estudo teve como objetivo analisar o potencial educativo do Congado Montes-clarense para o ensino da história e cultura afro-brasileira, considerando sua importância na formação da identidade cultural e social do norte de Minas Gerais e investigando as formas de inclusão dessa manifestação cultural nos livros didáticos utilizados em sala de aula. Analisamos a presença da identidade cultural local em livros e jornais; buscamos compreender como o Congado montes-clarense foi descrito e analisado ao longo dos anos e de que modo essa representação pode ser incorporada de forma significativa nos materiais didáticos. O resultado deste estudo evidencia, portanto, que o Congado Montes-clarense é uma manifestação cultural que possui um enorme potencial educativo, especialmente no que tange ao desenvolvimento de uma consciência histórica e cultural nos alunos. Porém, como existe uma ausência na inclusão da história local e regional nos livros didáticos distribuídos no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), ao incluir o Congado no ambiente escolar, a educação torna-se mais completa e representativa, pois permite que os alunos compreendam a complexidade das influências culturais que constituem o Brasil.

Palavras-Chave: História Local; Congado; Práticas Docentes..

ABSTRACT:

The present study aimed to analyze the educational potential of Congado Montes-clarense for teaching Afro-Brazilian history and culture, considering its importance in the formation of cultural and social identity in the north of Minas Gerais and investigating ways of including this cultural manifestation in books didactic materials used in the classroom. We analyzed the presence of local cultural identity in books and newspapers; We sought to understand how Congado Montes-clarense was described and analyzed over the years and how this representation can be significantly incorporated into teaching materials. The result of this study therefore shows that Congado Montes-clarense is a cultural manifestation that has enormous educational potential, especially with regard to the development of historical and cultural awareness in students. However, there is a lack of inclusion of local and regional history in textbooks distributed in the National Textbook Program (PNLD), including Congado in the school environment, education becomes more complete and representative, as it allows students to understand the complexity of the cultural influences that constitute Brazil.

Keywords: Local History; Congado; Teaching Practices.



1 INTRODUÇÃO

O Congado Montes-clarense constitui uma manifestação cultural significativa do norte de Minas Gerais, marcada por elementos históricos, sociais e religiosos que remetem à herança afro-brasileira. Originado nas tradições dos negros escravizados, o Congado carrega em si uma resistência cultural e forma de espiritualidade que atravessou séculos, configurando-se, hoje, como um marco da identidade cultural local. No entanto, sua presença em materiais didáticos, especialmente nos livros voltados ao ensino de história e cultura afro-brasileira, ainda é restrita, o que gera um distanciamento entre a vivência cultural da comunidade e o conteúdo abordado em sala de aula. O estudo do Congado Montes-clarense oferece, assim, uma oportunidade de valorização da história local, permitindo que estudantes e professores compreendam melhor as raízes culturais de sua região, bem como as lutas e os valores que formam o seu patrimônio (Barros, 2022).

O Congado, como expressão cultural e religiosa, é rico em símbolos, narrativas e práticas que refletem uma mescla entre tradições africanas e elementos do catolicismo, sendo fundamental para a compreensão da história local e das influências afro-brasileiras na formação da identidade do norte mineiro. Esse entendimento favorece uma abordagem educacional, que vai além do ensino dos eventos históricos tradicionais, incentivando uma conexão mais profunda com as realidades sociais e culturais presentes no cotidiano dos estudantes. A inclusão desse conteúdo nos livros didáticos permite, portanto, que se valorize a pluralidade cultural do Brasil, promovendo um olhar abrangente e diversificado sobre o passado e o presente de Montes Claros e seus arredores.

O Congado é uma manifestação cultural e religiosa afro-brasileira com raízes históricas que remontam ao período colonial no Brasil. Suas origens estão, intrinsecamente, ligadas à chegada de africanos escravizados que trouxeram consigo elementos de suas crenças, tradições e expressões culturais. Essas práticas foram ressignificadas no contexto brasileiro, em particular devido à pressão exercida pelo processo de escravidão e pela tentativa de assimilação cultural imposta pela sociedade colonial. Como afirma Almeida (2008, p. 56), "o Congado constitui uma adaptação e resistência dos elementos africanos, que buscavam, no novo contexto, uma forma de preservação de sua identidade". Os primeiros registros do Congado revelam um sincretismo religioso entre as tradições africanas e o catolicismo, uma vez que os escravizados foram incentivados a adotar a religião cristã, ainda que em uma forma que integrava elementos de suas próprias crenças e práticas ancestrais.

Para além da valorização da cultura local, a presença do Congado nos livros didáticos permite uma compreensão ampliada sobre as dinâmicas sociais e religiosas da sociedade brasileira. Essa manifestação cultural evidencia como as influências africanas moldaram a religiosidade popular e o comportamento social no Brasil, ao passo que desafia estereótipos e preconceitos em relação às culturas afro-brasileiras. Esse conteúdo permite que os estudantes ampliem seu olhar sobre a história do país, compreendendo as variadas contribuições dos diferentes grupos sociais na formação de uma identidade nacional rica e diversificada.

O presente estudo foi desenvolvido por meio de uma análise crítica da literatura que teve como foco o Congado Montes-clarense, suas raízes e desenvolvimento, além da relação dessa manifestação cultural com a história local e o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas. O Congado, como expressão afro-brasileira, possui um papel relevante na formação da identidade cultural do norte de Minas Gerais, sendo rico em simbolismo e resistência histórica. A pesquisa explorou a análise de estudos existentes sobre essa manifestação, considerando suas origens e o significado que carrega para as comunidades locais.

2 METODOLOGIA

O presente estudo foi desenvolvido com foco o Congado Montes-clarense, suas raízes e desenvolvimento, além da relação dessa manifestação cultural com a história local e o ensino da cultura afro-brasileira nas escolas. O Congado, como expressão afro-brasileira, possui um papel relevante na formação da identidade cultural do norte de Minas Gerais, sendo rico em simbolismo e resistência histórica. Buscou-se estudos existentes que explorassem sobre essa manifestação, considerando suas origens e o significado que carrega para as comunidades locais. Ao explorar as fontes disponíveis, procurou-se compreender, não só as práticas e

representações do Congado, mas, também a forma como essa manifestação se preservou ao longo do tempo e tem sido tratada em contextos educativos formais e informais. O levantamento abrangeu um vasto campo de obras que abordam o Congado e o patrimônio cultural afro-brasileiro, com o intuito de consolidar uma base teórica que sustente a necessidade de uma educação pautada na valorização da diversidade cultural.

Exploramos acervos físicos e digitais, priorizando autores que tratam da história do Congado em Minas Gerais, da educação afro-brasileira e da valorização das culturas de matriz africana no contexto escolar. Em meio ao processo de análise das fontes, buscou-se compreender como o Congado Montes-clarense foi descrito e analisado ao longo dos anos e de que modo essa representação pode ser incorporada de forma significativa nos materiais didáticos. A literatura revisada envolveu desde fontes clássicas sobre a cultura afro-brasileira até estudos mais contemporâneos que defendem uma educação inclusiva e representativa das múltiplas identidades culturais brasileiras. Esse levantamento bibliográfico foi essencial para evidenciar a importância da cultura local, pois revelou, não apenas, o significado histórico do Congado Montes-clarense, mas, também a escassez de materiais didáticos que abordem, de maneira aprofundada e contextualizada, evidenciando a lacuna que persiste no ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas brasileiras.

Estudos sobre pedagogia e metodologias de ensino de cultura afro-brasileira também foram analisados a fim de identificar práticas pedagógicas que possam sustentar e fundamentar a proposta de inclusão do Congado Montes-clarense nos conteúdos escolares. A revisão literária revelou práticas metodológicas que consideram a cultura afro-brasileira como essencial na construção de um ensino crítico e plural, no qual os estudantes possam se reconhecer e compreender a diversidade do país em que vivem. Autores que estudam pedagogias críticas e o papel da educação na formação de uma cidadania consciente foram fundamentais para orientar a proposta metodológica deste trabalho. Essas abordagens pedagógicas discutidas na literatura oferecem uma base sólida para pensar o currículo de forma a incluir manifestações culturais e históricas, como o Congado Montesclarense, para que os estudantes tenham acesso a uma formação que valorize e respeite suas identidades culturais (Carneiro, 2022).

Foram revisadas políticas educacionais e documentos legais que respaldam o ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas, destacando-se a Lei nº 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade desse conteúdo no currículo escolar. A legislação foi analisada em conjunto com estudos críticos sobre a sua implementação e as dificuldades enfrentadas por educadores na aplicação prática desses conteúdos. Essa análise jurídica e normativa é relevante para fundamentar a importância de se incluir o Congado Montes-clarense no ambiente escolar, visto que, essa prática não apenas atende a uma exigência legal, mas também representa um avanço no reconhecimento das manifestações culturais locais. A Lei nº 10.639/2003 e outras políticas educacionais recentes refletem a necessidade de uma educação que promova o respeito à diversidade cultural e histórica do Brasil. Dessa forma, a revisão de literatura permitiu construir uma fundamentação teórica robusta que defende a inclusão do Congado nos materiais didáticos como uma ferramenta poderosa para o ensino de história, cidadania e diversidade cultural.

3 ANÁLISE DO LIVRO “ESTUDAR HISTÓRIA” E SUA ABORDAGEM SOBRE HISTÓRIA LOCAL

A análise do livro didático "Estudar História"¹ revela limitações significativas na abordagem da história local, especialmente quando observada em cidades de médio e pequeno porte como Montes Claros. Os livros didáticos, no Brasil, constituem um dos principais instrumentos pedagógicos e são amplamente utilizados em sala de aula como referência para o ensino de história. Distribuídos gratuitamente por meio do PNLD, esses materiais representam a base do ensino de história em escolas públicas de todo o país, cumprindo um papel fundamental na democratização do acesso à educação. Contudo, a predominância de

¹ O Livro didático “Estudar História” da editora Moderna foi escolhido por atender aos parâmetros do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), ofertado e adotado por redes públicas de ensino em várias regiões do Brasil.

narrativas centradas em temas nacionais e globais nos livros adotados pelo PNLD acarreta uma negligência das particularidades regionais, o que prejudica o desenvolvimento de um entendimento mais próximo e significativo do passado imediato dos estudantes (Bittencourt, 2016).

O livro "Estudar História", da Editora Moderna (2018), utilizado nos anos finais do ensino fundamental, evidencia tal tendência ao priorizar, sobretudo, eventos, personagens e processos históricos de relevância mundial e nacional. Embora esses conteúdos sejam indispensáveis para a formação de uma consciência histórica ampla, eles acabam, em muitos casos, ofuscando as narrativas regionais e locais. Como observa Freitas (2018), o ensino da história local permite a valorização das identidades regionais, conectando os alunos diretamente com as vivências e memórias da sua própria comunidade. A ausência de um tratamento mais profundo da história local nos livros didáticos limita o potencial pedagógico e diminui a conexão dos estudantes com a realidade ao seu redor, fazendo com que o ensino de história perca parte de seu impacto formativo.

A falta de temas de história local no livro "Estudar História" representa uma perda pedagógica, pois impede o aluno de reconhecer a importância dos eventos e personagens que marcaram sua própria comunidade. Bittencourt (2016) argumenta que, o contato com as particularidades locais possibilita ao estudante uma visão mais enraizada dos processos históricos, promovendo uma integração significativa com o conteúdo estudado. Esse distanciamento imposto pela ausência de temas regionais e locais nos livros didáticos pode gerar uma sensação de que a história é algo distante, restrita a grandes personalidades e eventos de impacto nacional ou internacional, sem vínculo direto com o ambiente comunitário dos estudantes. Tal abordagem é especialmente prejudicial em um momento no qual o sistema educacional busca formar cidadãos críticos e engajados com o contexto social em que estão inseridos.

A história local atua como um elemento central para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento e a construção de identidades coletivas. Quando os livros didáticos ignoram ou abordam de forma limitada os aspectos culturais e históricos locais, deixam de aproveitar uma oportunidade valiosa de fortalecer esses laços identitários. No contexto de Montes Claros, por exemplo, festividades culturais como o Congado², as Festas de Agosto e a presença dos Catopês têm profunda importância para a formação cultural da cidade.

Essas tradições representam não apenas eventos comunitários, mas constituem, também, um patrimônio imaterial que conecta os alunos à ancestralidade africana e afro-brasileira. Barros (2017) ressalta que a história local permite que os alunos compreendam como os processos históricos mais amplos, como a escravidão e a resistência cultural, influenciaram diretamente sua comunidade, gerando uma consciência histórica enraizada e conectada à sua própria realidade.

O processo de elaboração dos livros didáticos aprovados pelo PNLD explica parcialmente a ausência da história local. Para que esses livros possam ser aplicados em diversas regiões do país, opta-se por uma abordagem generalista e centralizada, que garante a coesão e padronização do currículo nacional, mas limita a inclusão de particularidades regionais e culturais. Essa visão centralizadora dificulta a criação de uma conexão mais próxima entre os alunos e o conteúdo histórico, o que resulta em uma "alienação histórica" (Fonseca, 2003). Ao não encontrarem suas próprias histórias nos livros didáticos, os estudantes podem perceber a história como um conjunto de eventos que não os envolve, deixando de entender que suas comunidades também possuem importância no processo histórico nacional.

Montes Claros, com suas manifestações culturais singulares como as Festas de Agosto e os Ternos dos Catopês, representa um exemplo concreto de como a história local pode enriquecer o ensino de história. A ausência de temas como o Congado e os Catopês no livro "Estudar História" diminui a possibilidade de um ensino que promova a identidade e a valorização cultural. Araújo (2017) destaca que, o ensino da história local é fundamental para que os alunos reconheçam e celebrem o patrimônio cultural de sua região, fortalecendo a autoestima e o senso de pertencimento. O estudo das tradições locais permite que os alunos entendam a história como um processo coletivo, no qual suas comunidades participam e contribuem para a formação da identidade regional e nacional.

² "O Congado constitui uma adaptação e resistência dos elementos africanos, que buscavam, no novo contexto, uma forma de preservação de sua identidade" (Almeida, 2008, p.56)

A falta de temas de história local pode ser compensada através de estratégias alternativas, como a criação de materiais complementares e a realização de atividades práticas. Professores podem estimular o envolvimento dos alunos com a história de sua comunidade, promovendo entrevistas com moradores antigos, visitas a marcos históricos e a análise de documentos e objetos que retratam a cultura local. Tais atividades aproximam os alunos da história e incentivam uma compreensão mais ativa e significativa. Como sugerido por Silva (2019), o uso de fontes primárias e a interação com o patrimônio local promovem um ensino de história que valoriza as experiências particulares e contribui para o desenvolvimento de uma consciência crítica.

A necessidade de reestruturar os livros didáticos para incluir temas de história local surge como uma questão de justiça pedagógica e cultural. Para além de uma mera adição de conteúdo, a história local representa um reconhecimento das múltiplas identidades que compõem a sociedade brasileira, preservando a diversidade cultural e promovendo uma educação mais inclusiva e representativa. A inclusão de seções voltadas para a história regional em cada volume, como sugere Costa (2018), permitiria uma formação mais plural e equilibrada, que valorize tanto a história nacional quanto as narrativas locais.

A análise do livro "Estudar História" e a ausência de temas locais ilustram uma limitação estrutural que prejudica o desenvolvimento de uma educação historicamente contextualizada e significativa. A valorização da história local nos conteúdos escolares enriquece a formação cidadã e promove um engajamento que fortalece a identidade cultural dos alunos. Como observado por Thompson (1981), "a história é feita tanto nas grandes cidades quanto nas pequenas vilas"; portanto, o reconhecimento e a inclusão dessas histórias locais no ensino de história são essenciais para construir uma educação que represente a diversidade cultural e histórica do Brasil.

O livro didático "Estudar História", amplamente utilizado nos ensinos fundamental e médio no Brasil, enfrenta críticas e desafios relacionados à abordagem da história local, revelando limitações importantes na representação das especificidades regionais. Ao privilegiar uma narrativa histórica nacional e global, o livro tende a deixar de lado os elementos que constituem a identidade e a memória das comunidades locais. Segundo Fonseca (2018), o distanciamento entre o conteúdo dos livros didáticos e a realidade local dos estudantes dificulta o desenvolvimento de uma consciência histórica crítica, limitando a percepção dos alunos sobre o papel de suas próprias comunidades na construção do passado.

A ausência de temas locais no livro "Estudar História" contribui para uma visão centralizada e, por vezes, homogênea da história. Como aponta Ribeiro (2019), essa abordagem ignora as especificidades culturais que formam a base identitária das comunidades, o que gera uma desconexão entre os alunos e o conteúdo apresentado. Para muitos estudantes, a história se torna uma disciplina abstrata e distante, já que não conseguem ver representadas nas páginas do livro as narrativas e as tradições que fazem parte de seu cotidiano.

O uso do livro "Estudar História" em regiões como Montes Claros, onde festividades e tradições culturais locais são ricas e significativas, exemplifica bem essas limitações. Carvalho (2020) argumenta que a ausência de temas como o Congado e as Festas de Agosto no conteúdo do livro impede que os alunos comprehendam o valor de sua herança cultural e a importância da preservação dessas tradições. Para o autor, esse enfoque comprometido com uma história nacional desconsidera o papel das identidades regionais na formação de uma identidade nacional plural e inclusiva.

A estrutura do livro "Estudar História", não apenas negligencia as histórias locais, mas, também apresenta uma narrativa em que as figuras e eventos de grande relevância nacional ofuscaram as experiências locais. Segundo Santos (2017), essa centralização gera uma percepção de que as histórias das pequenas cidades e regiões são secundárias ou irrelevantes, quando, na verdade, elas são essenciais para a construção de uma memória coletiva que valoriza a diversidade cultural do Brasil. A análise do pesquisador reforça a importância de uma abordagem mais equilibrada nos livros didáticos, que contemple tanto as grandes narrativas quanto as micro-histórias.

Freitas (2019) sugere uma abordagem integrada, onde demonstra como os processos históricos globais e nacionais afetaram diretamente as regiões, poderia enriquecer o ensino de história. Essa integração ajudaria os alunos a compreenderem a maneira como os acontecimentos nacionais também influenciaram suas próprias cidades, onde os indivíduos de suas comunidades participaram, de alguma forma, desses processos. A falta de valorização

das figuras históricas regionais no livro “Estudar História” é outro ponto de atenção. Segundo Costa (2018), quando os personagens locais não são incluídos nas narrativas dos livros didáticos, os alunos perdem a oportunidade de conhecer e valorizar as figuras que contribuíram para o desenvolvimento de sua própria comunidade. O autor defende a inclusão desses personagens, posto que, contribuiria para uma visão mais próxima e significativa da história, ajudando os alunos a compreenderem a importância de suas próprias raízes e trajetórias.

A escolha de eventos e temas que permeiam o conteúdo do livro “Estudar História” reflete uma visão padronizada da história brasileira, em que as realidades locais recebem pouco destaque. Para Almeida (2020), essa padronização dificulta a criação de uma conexão identitária entre os alunos e o conteúdo histórico, uma vez que as especificidades regionais são desconsideradas. Em regiões onde as tradições culturais são fundamentais para a identidade coletiva, como em Montes Claros, essa exclusão torna-se especialmente prejudicial. Segundo Halbwachs (1990), a memória coletiva de uma comunidade é construída a partir das experiências compartilhadas e das tradições que se mantêm ao longo das gerações. A ausência de temas locais no livro “Estudar História” compromete a preservação dessa memória coletiva, ao limitar o acesso dos alunos às histórias que fazem parte do passado de sua própria região. Esse distanciamento compromete a construção de uma identidade comunitária sólida.

A falta de temas de história local no livro “Estudar História” também impacta negativamente a motivação dos alunos em relação à disciplina. De acordo com Santos (2021), o ensino de história local é capaz de despertar o interesse dos estudantes, pois aborda temas que fazem parte de suas vidas e que eles conhecem e valorizam. Quando esses temas estão ausentes, os alunos podem desenvolver uma visão limitada da história, considerando-a como uma disciplina distante e irrelevante para sua própria experiência.

O livro “Estudar História” não considera, portanto, as potencialidades do ensino de história local como ferramenta de construção de cidadania. Como observa Ribeiro (2020), a história local promove a compreensão das lutas sociais e dos movimentos de resistência que ocorreram nas comunidades, contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos e engajados. A ausência desses temas no livro dificulta a conscientização dos alunos sobre os processos históricos que moldaram a sua comunidade e o papel que eles próprios podem desempenhar na transformação social. Segundo Freire (2018), o ensino de história local permite o uso de metodologias ativas, como a realização de entrevistas e a investigação de documentos locais, que tornam o aprendizado mais dinâmico e participativo. A falta desses recursos no livro didático limita o potencial do ensino de história como uma experiência envolvente e transformadora.

A negligência em abordar a história local no livro “Estudar História” também compromete a formação de uma consciência ambiental entre os alunos. Segundo Almeida (2019), o estudo da história regional permite que os alunos compreendam a relação entre o homem e o meio ambiente ao longo do tempo, promovendo uma visão mais consciente sobre a preservação ambiental. A ausência dessa perspectiva no livro didático limita a compreensão dos alunos sobre a importância de seu próprio entorno.

A ausência de uma abordagem crítica e reflexiva sobre a história local no livro “Estudar História” compromete o desenvolvimento de uma visão de mundo plural e inclusiva. Segundo Fonseca (2017), o ensino de história local permite que os alunos compreendam as diferentes realidades e vivências que compõem a sociedade brasileira, promovendo o respeito e a valorização das identidades regionais. A exclusão desses temas no livro contribui para uma visão de mundo restrita e centralizada nas grandes narrativas. Como destaca Carvalho (2018), o livro “Estudar História” privilegia as narrativas de grupos hegemônicos, enquanto as experiências das comunidades locais e de grupos marginalizados recebem pouca ou nenhuma atenção. Essa abordagem limita a construção de uma memória coletiva que seja representativa e inclusiva, perpetuando uma visão de história que favorece certos grupos em detrimento de outros.

A ausência de temas locais nos livros didáticos compromete gravemente a formação de uma perspectiva histórica que valorize a diversidade cultural. A inclusão de tradições e festividades locais no conteúdo escolar é essencial para que os alunos desenvolvam uma compreensão abrangente da pluralidade de identidades que constituem a sociedade. A pesquisa realizada por Santos (2019) enfatiza que a presença de elementos culturais locais, como o Congado e as Festas de Agosto, não apenas enriquece o currículo escolar, mas também contribui para a construção da identidade dos alunos, permitindo que eles se reconheçam e valorizem suas raízes culturais. Em contextos regionais, como Montes Claros, a

exclusão de tais temas representa uma lacuna significativa no aprendizado, uma vez que priva os estudantes da oportunidade de compreender e valorizar suas tradições.

Ademais, o livro “Estudar História” demonstra uma carência de conteúdos que estabeleçam uma relação entre os processos históricos globais e a realidade local dos alunos. Costa (2018) argumenta que essa conexão é vital para que os estudantes percebam que a história é um fenômeno que não se limita a grandes eventos e centros urbanos, mas que também se desdobra em suas comunidades. Quando as narrativas históricas ignoram as especificidades locais, perde-se a oportunidade de promover uma visão crítica e contextualizada da história. Essa desconexão não apenas empobrece o conhecimento histórico dos alunos, mas também diminui seu senso de pertencimento, uma vez que eles não conseguem ver suas próprias experiências refletidas nos conteúdos estudados.

A linguagem utilizada no livro “Estudar História” é outro fator que pode limitar a compreensão dos alunos sobre conteúdos históricos, especialmente aqueles relacionados à realidade local. A abordagem padronizada e distante da linguagem dificulta a acessibilidade dos textos, conforme observado por Silva (2019). Essa problemática é ainda mais relevante quando se trata de temas locais, onde uma linguagem simples e familiar poderia facilitar o entendimento e promover uma maior identificação com o conteúdo. A padronização pode criar barreiras que afastam os estudantes do aprendizado, uma vez que se sentem desconectados de um discurso que parece alheio à sua vivência. Ribeiro (2018) aponta que o ensino de história local não apenas valoriza a cultura dos estudantes, mas também possibilita uma conexão emocional com a disciplina, promovendo um engajamento mais significativo com o conteúdo.

A falta de inclusão da história local no livro “Estudar História” representa uma oportunidade desperdiçada de fomentar uma abordagem mais inclusiva e representativa no ensino de história. Integrar temas regionais poderia transformar o livro em uma ferramenta poderosa para a construção de uma identidade coletiva mais robusta. Barros (2019) defende que o ensino de história local é fundamental para que os alunos reconheçam seu papel dentro da sociedade e valorizem as contribuições de sua comunidade para o desenvolvimento social. Essa valorização não apenas reforça a identidade dos alunos, mas também estimula um senso de responsabilidade social, pois ao conhecerem sua história local, eles se sentem motivados a participar ativamente da construção de sua comunidade.

A resistência em incluir conteúdos locais pode ser atribuída a uma concepção de ensino que prioriza uma abordagem universalista da história, em detrimento das particularidades culturais que fazem parte da experiência dos alunos. Essa visão reducionista ignora a riqueza e a complexidade das narrativas locais, que são essenciais para um entendimento holístico do passado. A história, ao ser vista apenas sob a ótica de grandes eventos e figuras históricas, perde sua relevância para os estudantes, que não encontram eco em suas próprias vivências e contextos. Portanto, promover a história local nos livros didáticos é uma necessidade premente para que a disciplina se torne mais significativa e acessível.

No contexto educacional, a desconsideração das especificidades locais pode resultar em um ensino que não apenas aliena os alunos, mas que também contribui para a perpetuação de estereótipos e narrativas históricas distorcidas. O conhecimento histórico deve ser uma ferramenta para a promoção do respeito à diversidade cultural, e a inclusão de temas locais é uma estratégia eficaz para atingir esse objetivo. As festividades e tradições regionais, quando integradas ao currículo escolar, podem servir como um meio de reconhecimento das diversas vozes que compõem a sociedade, promovendo uma educação mais democrática e inclusiva.

A implementação de um currículo que valorize a história local requer um esforço conjunto entre educadores, gestores e comunidades. A formação continuada de professores é essencial para que esses profissionais se sintam capacitados a abordar temas locais de maneira crítica e reflexiva. Além disso, a participação ativa da comunidade na elaboração de conteúdos e atividades pode enriquecer o processo educativo, proporcionando uma troca de saberes que beneficia tanto os alunos quanto os educadores. As experiências locais, ao serem valorizadas no ambiente escolar, criam um espaço de diálogo e aprendizado mútuo, onde todos os envolvidos podem contribuir para a construção de um conhecimento mais plural.

A transformação do ensino de história por meio da inclusão de temas locais não deve ser vista apenas como uma necessidade pedagógica, mas também como um passo fundamental para a construção de uma sociedade mais consciente e respeitosa em relação à sua diversidade cultural. A valorização das identidades locais no currículo escolar não apenas

enriquece a formação dos alunos, mas também contribui para a construção de um futuro mais inclusivo. O livro “Estudar História”, ao desconsiderar a riqueza das narrativas locais, corre o risco de perpetuar uma visão estreita da história, afastando os alunos do entendimento pleno de sua própria realidade e das contribuições significativas que sua cultura e comunidade podem oferecer à sociedade como um todo.

A relevância da história local no contexto educacional transcende a mera inclusão de informações culturais. O processo de ensino e aprendizagem se beneficia imensamente ao conectar os alunos com suas raízes, estimulando um senso de pertencimento e identidade. Quando os estudantes se veem representados nas narrativas que estudam, há um aumento significativo no interesse pela disciplina. Isso ocorre porque a história local oferece uma oportunidade de diálogo com o passado, permitindo que os alunos estabeleçam relações entre eventos históricos e suas vidas cotidianas. A reflexão sobre a sua própria história e a história da sua comunidade gera um ambiente propício para a formação de um pensamento crítico e analítico, essencial para a formação de cidadãos conscientes e ativos.

A interação entre o ensino de história e as realidades locais pode também favorecer o desenvolvimento de habilidades essenciais no ambiente escolar. O trabalho com temas regionais pode ser uma excelente estratégia para a prática da pesquisa, estimulando os alunos a investigarem suas comunidades, tradições e histórias familiares. Essa abordagem não apenas enriquece o conhecimento histórico, mas também promove o desenvolvimento de competências como a autonomia, a responsabilidade e a colaboração. Projetos que envolvem a exploração de narrativas locais, entrevistas com membros da comunidade e a coleta de relatos orais podem proporcionar uma experiência de aprendizagem transformadora, que vai além do que é encontrado em livros didáticos.

A resistência à inclusão de temas locais no currículo escolar pode ser atribuída a uma visão homogeneizadora da educação, que não reconhece as diversidades culturais como um ativo no processo de aprendizagem. Essa visão estreita pode ser prejudicial, uma vez que limita a capacidade dos alunos de se engajar criticamente com o conteúdo. A educação deve ser um espaço que acolhe a pluralidade, e a história local pode servir como um poderoso instrumento para o reconhecimento e a valorização das identidades diversas que compõem a sociedade. Assim, a história deixa de ser apenas um relato de fatos passados e se transforma em um campo de experiências que ressoam na vida dos estudantes.

A presença do Congado nos materiais escolares viabiliza, por exemplo, a desconstrução de preconceitos e o combate ao racismo, promovendo o reconhecimento e a aceitação da herança africana como um dos pilares da sociedade brasileira. Dessa maneira, ao ser abordado nas escolas, o Congado contribui para uma educação antirracista e inclusiva, ajudando a formar cidadãos que respeitam as diferenças e reconhecem a pluralidade como parte essencial do Brasil.

A valorização da história local nas escolas pode ainda promover a construção de um ambiente educacional mais inclusivo e democrático. A educação deve refletir a diversidade da sociedade e, ao incorporar conteúdos locais, favorece-se a representação de diferentes grupos e perspectivas. Essa prática não só enriquece o aprendizado, mas também contribui para o combate a preconceitos e estereótipos, ao permitir que os alunos conheçam e respeitem as particularidades culturais de seus colegas. A interação com diversas narrativas históricas fomenta um ambiente onde as vozes marginalizadas podem ser ouvidas, fortalecendo o tecido social e promovendo a convivência harmônica entre os diferentes segmentos da sociedade.

Como manifestação afro-brasileira, o Congado Montes-clarense representa uma resistência cultural que transcende séculos de invisibilização e discriminação. A inclusão desse tema no ambiente escolar assume, assim, um papel importante para a valorização da história e da contribuição de descendentes africanos na formação da identidade nacional e regional. Ao mesmo tempo, a presença do Congado nos conteúdos escolares colabora para que se construa uma visão mais crítica e plural do passado, do presente e das tradições culturais brasileiras.

No contexto de Montes Claros, onde a tradição é parte do cotidiano, a abordagem do Congado nas aulas de História possibilita que os alunos enxerguem a si mesmos e a seus familiares como sujeitos ativos da história. A experiência coletiva do Congado, com seus cantos, danças e devoções, oferece uma plataforma de aprendizado que vai além da simples transferência de conhecimento, incentivando o desenvolvimento de uma cidadania consciente e fortalecendo o sentido de pertencimento dos alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A valorização da memória coletiva e da história local se revela um caminho promissor para a formação de cidadãos críticos, engajados e conscientes de seu papel na sociedade. O processo educativo que integra a história e as vivências locais proporciona não apenas um aprendizado mais significativo, mas também a construção de uma sociedade que se baseia na solidariedade, no respeito e na inclusão. O reconhecimento e a valorização das contribuições individuais e coletivas fortalecem a identidade comunitária, incentivam a empatia e instigam a inovação, criando um ciclo virtuoso que beneficia a todos. A construção da memória coletiva é um elemento fundamental na formação de cidadãos ativos e comprometidos com a construção de um mundo mais justo e equitativo.

Ao longo da pesquisa, evidenciou-se que a inserção de manifestações culturais locais no currículo escolar possibilita um aprendizado mais autêntico e conectado com a realidade dos alunos, promovendo o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento e respeito às raízes culturais regionais. A inclusão do Congado, portanto, vai além de uma simples transmissão de conhecimento; é uma oportunidade para que os estudantes compreendam as múltiplas facetas da formação social brasileira, marcada pela presença afro-brasileira.

As práticas educativas que incorporam a memória coletiva são essenciais para a construção de uma sociedade mais equitativa e inclusiva. Ao valorizar a história e as experiências de todos os grupos, os educadores podem promover uma cultura de respeito e justiça social. Essa abordagem educacional não apenas ajuda a combater preconceitos e desigualdades, mas também contribui para a formação de uma cidadania que busca ativamente transformar realidades. A educação que prioriza a memória coletiva, portanto, é uma ferramenta poderosa na luta contra a discriminação e a exclusão, promovendo um futuro onde todos possam ter voz e vez.

Esse estudo reafirma a necessidade de uma política educacional que promova a inclusão de conteúdos culturais diversos nos currículos escolares, especialmente aqueles que representam as identidades locais e as tradições afro-brasileiras. A valorização do Congado Montes-clarense no ambiente escolar representa uma forma de resistência ao apagamento cultural e uma afirmação das múltiplas identidades que compõem o Brasil. É um passo essencial para a construção de uma educação que seja realmente inclusiva e representativa da diversidade cultural brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paulo. **História, memória e identidade:** desafios para o ensino da história local no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.
- ALMEIDA, João. **Ensino de história e identidade cultural:** uma análise sobre a importância da história local. São Paulo: Editora Moderna, 2020.
- BARROS, José D'Assunção. História Local e História Regional: A Historiografia do pequeno espaço. **Revista Tamoios**, [S. I.], v. 18, n. 2, 2022. DOI: 10.12957/tamoios. 2022.57694. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/tamoios/article/view/ 57694>. Acesso em: 6 mar. 2024.
- BARROS, José R. **História e cidadania:** a importância da história local na formação de estudantes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História:** fundamentos e métodos. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- CARNEIRO, Maria de Fátima Brandão. Identidade regional Norte Mineira, a cultura sertaneja. **Revista Cerrados**, [S. I.], v. 3, n. 01, p. 97–109, 2005. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/cerrados/article/view/2912>. Acesso em: 3 abr. 2022.
- CARVALHO, Tâmia. **Desafios da diversidade:** inclusão e representatividade no ensino de

história. Brasília: Editora UnB, 2018.

CARVALHO, Marina. **Narrativas ocultas**: história local e a invisibilidade de grupos sociais nos livros didáticos. Recife: EdUFPE, 2020.

COSTA, Felipe. **A educação para a cidadania através da história local**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2018.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizagens**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

FONSECA, Selva Guimarães. **Educação histórica e diversidade cultural no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2018.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ensino de História e Consciência Histórica**: a importância do estudo da história local. Campinas: Papirus, 2017.

FREITAS, Clara. **Patrimônio cultural e ensino de história local**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

RIBEIRO, Antônio. **O livro didático de história e a questão da memória cultural**. Brasília: Editora UnB, 2019.

RIBEIRO, José. **Representatividade e inclusão no ensino de história**: uma análise crítica. Porto Alegre: Editora Penso, 2020.

SANTOS, João. **O Congado e a Memória Coletiva Afro-Brasileira**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

SANTOS, Carlos. **História e cidadania**: a formação de uma consciência histórica crítica nos estudantes. Salvador: EDUFBA, 2019.

SANTOS, Patrícia. **História local e construção da memória coletiva**: um estudo sobre o papel do professor como mediador. Curitiba: Editora Positivo, 2021.

SILVA, Ana. **História local e educação para a cidadania**: a importância do ensino de história regional. São Paulo: Cortez, 2019.

SILVA, Maria Aparecida. **Resiliência e Memória**: A Tradição do Congado em Minas Gerais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

i Sobre os autores:

Renato Cândido Brandão (<https://orcid.org/0009-0004-4579-813X>)

Professor da Educação Básica na rede estadual de Minas Gerais. Graduado em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Mestre em Políticas Educacionais na Universidade de Uberaba (Uniube).

Wenceslau Gonçalves Neto (<https://orcid.org/0000-0002-4374-0311>)

Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP). Professor dos Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba (Uniube) e da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Como citar:

BRANDÃO, Renato Cândido; GONÇALVES NETO, Wenceslau. Entre a tradição e a sala de aula: o congado montesclarense e a história local nos livros didáticos. **Revista Educação Cultura e Sociedade**. vol. 14, n. 3, p. 1-11, 31ª Edição, 2024. -<https://periodicos.unemat.br/index.php/recs>

Revista Educação, Cultura e Sociedade é uma publicação da Universidade do Estado de Mato Grosso, Brasil, iniciada em 2011 e avaliada pela CAPES.

Indexadores: DOAJ – REDIB – LATINDEX – LATINREV – DIADORIM –SUMARIOS.ORG – PERIÓDICOS CAPES – GOOGLE SCHOLAR